

O TRABALHO EM GRUPO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Camila Cristina Lazzarotto¹

INTRODUÇÃO

Essa pesquisa discute a implementação e desenvolvimento do trabalho em grupo, baseado na metodologia defendida por Rachel Lotan, professora da Universidade de Stanford, nos Estados Unidos.

Tal metodologia, no Brasil denominada como PED (Programa de Especialização Docente), é comumente utilizada no ensino superior, médio ou, até mesmo, no ensino fundamental. Contudo, ainda não há relatos oficiais de sua aplicação na Educação Infantil. Assim, pretende-se aqui fazer uma breve exposição de como tem sido o uso das estratégias do trabalho em grupo, descritas por Rachel Lotan e Elizabeth Cohen, no livro “Estratégias para o Trabalho em Grupo”, em uma turma do Pré II da Educação Infantil, com 15 alunos entre 4 e 5 anos de idade.

Essa turma faz parte de um colégio internacional, o qual tem aproximadamente 850 alunos, entre eles brasileiros e estrangeiros matriculados da Educação Infantil ao Ensino Médio. O colégio está situado em um local privilegiado dentro de um campus universitário na cidade de Curitiba. O perfil das famílias que compõem a comunidade escolar pertence, em sua grande maioria, às classes A e B, sendo que mais de 90% dos pais dos alunos, ou responsáveis, possuem curso superior. Os responsáveis participam de reuniões trimestrais individuais e coletivas sobre o desempenho de seus filhos na escola.

O colégio faz parte do programa IB (*International Baccalaureate*), o qual implementa estratégias eficientes de ensino, trabalhando com atitudes, perfis e conceitos-chave. Os conteúdos são trabalhados a partir de temas transdisciplinares e, a cada trimestre, são trabalhados dois temas sugeridos pelo IB.

A metodologia do PED é aplicada durante as aulas ministradas em Inglês, as quais acontecem no período da manhã logo que os alunos chegam à escola, entre 10:00 e 12:30. Após esse horário, as crianças permanecem até às 16:30 na escola e, nesse período, participam das aulas em português.

A turma, bastante heterogênea, tem um perfil agitado e desorganizado. São crianças variando entre 4 e 5 anos, em sua maioria comunicativas e participativas. São 8 meninos e 7 meninas.

METODOLOGIA

Essa pesquisa vem sendo realizada a partir de alguns instrumentos que possam comprovar seu desenvolvimento, bem como a reflexão do uso da metodologia do PED com crianças tão novas.

A professora vem realizando atividades com essa proposta desde o início do ano letivo de 2019, em média uma vez por semana ou uma vez a cada duas semanas, e tem gravado as

¹ Graduada pelo curso de Pedagogia pela Universidade Federal do Paraná, UFPR, pelo curso de Psicologia pela Faculdade Dom Bosco, PR, pós-graduanda no Programa de Especialização Docente (PED Brasil) da Universidade Positivo, PR, camila.lazzarotto@positivo.edu.br

aulas em vídeo. Ela também tem um diário de bordo onde anota as experiências, comentários dos alunos, as dificuldades naquele determinado dia e também estratégias que funcionaram.

Os pais dos alunos assinaram um termo de uso de imagem e vídeo no ato da matrícula no colégio. Contudo, esses vídeos têm como finalidade exclusiva a observação e estudo e, por conta disso, apenas a professora e outros professores especialistas do PED têm acesso a eles.

DESENVOLVIMENTO

Diferenciar trabalho em grupo e bagunça pode ser difícil para quem não é parte do processo. Aprender é um ato social, já explicava Vygotsky. As conversas e trocas entre os alunos, de qualquer idade, são poderosas ferramentas para impulsionar sua aprendizagem. A metodologia do trabalho em grupo, defendida por Rachel Lotan (2017), professora da Universidade de Stanford, define esse tipo de trabalho como alunos trabalhando juntos em grupos pequenos, cada um com uma função previamente estabelecida, com o objetivo de participarem ativamente da mesma atividade.

Esse processo não pode ser confundido com um agrupamento de pessoas, onde o professor divide os grupos por critérios acadêmicos ou sociais, com o objetivo de criar um ambiente mais homogêneo. Pelo contrário, aqui, os grupos são selecionados aleatoriamente, para que a heterogeneidade exista dentro do grupo e seus integrantes possam desenvolver habilidades para trabalhar dessa forma.

Lotan e Cohen (2017) explicam que, no trabalho em grupo, os alunos desempenham suas tarefas sem a supervisão direta e imediata do professor pois, uma vez que cada aluno recebe uma tarefa a ser realizada no seu grupo, o professor está “delegando” autoridade para todos os envolvidos e ele deixa de ser a única referência do processo.

O professor comumente entrega um cartão de atividades aos grupos, contendo todas as instruções do que deve ser feito bem como especificando qual deve ser o produto final do grupo e os critérios de avaliação. Cartões de recursos contendo informações necessárias para a realização da atividade também são bastante utilizados.

Além disso, uma outra característica desse trabalho é que, em algum nível, os participantes precisam uns dos outros para conseguir realizar suas atividades. Um aluno é recurso do outro. Segundo as autoras Lotan e Cohen (2017, p.2), “os alunos assumem o papel de professores quando sugerem o que os outros devem fazer, quando ouvem o que os outros estão dizendo e quando decidem como finalizar o trabalho, dado o tempo e os recursos limitados estabelecidos pelo instrutor”.

O segredo do sucesso do trabalho em grupo está em parte no planejamento e preparação das atividades pelo professor bem como nas tarefas a serem desempenhadas pelos membros do grupo. As tarefas geralmente atribuídas, inspiradas no livro *Planejando o Trabalho em Grupo* (COHEN e LOTAN, 2017), são: Facilitador: Certifica-se de que todos obtenham a ajuda de que precisam para realizar a tarefa, é responsável por procurar respostas para as perguntas dentro do grupo, o professor é consultado apenas se ninguém no grupo puder ajudar; Harmonizador: Facilita a resolução dos conflitos interpessoais, está atento aos sentimentos dos membros individuais e os incentiva ao comprometimento e à disciplina; Gerenciador de Materiais: É responsável por obter materiais e recursos e por retirá-los adequadamente; Gerenciador do Tempo: Responsável por monitorar o tempo e certificar-se de que a atividade esteja sendo realizada dentro do tempo estipulado; Repórter: Responsável por organizar o relatório do grupo e sua apresentação para a turma.

Uma outra estratégia para a eficácia do trabalho em grupo é trabalhar regras com os alunos. Assim como os “combinados”, tão populares nas séries iniciais do ensino fundamental e educação infantil, as regras dão o suporte necessário para que os alunos entendam quais são

as expectativas para a realização do seu trabalho bem como o do professor. Basicamente, as regras envolvem o trabalho a ser desempenhado por todos os seus envolvidos, onde todos contribuem para o trabalho de todos, os materiais são acessíveis a todos, todos têm a mesma oportunidade de aprender, todos têm o mesmo status.

As autoras defendem a criação de um ambiente democrático e equitativo no decorrer do processo do trabalho em grupo, uma vez que os todos os alunos precisam se engajar na atividade para realizarem seus papéis. O instrutor é quem planeja, guia e delega aos alunos a responsabilidade pela busca de respostas e soluções diante de problemas. Em entrevista com Fabiana Ribeiro, da revista Paratodos (2017), Lotan explica que é esse o caminho para soluções criativas, que promovam a alternância de papéis entre os participantes do grupo e ainda o aumento da percepção da colaboração e da interação entre os alunos. De acordo com as autoras, um trabalho de grupo bem executado torna-se uma ferramenta para reduzir desigualdades, harmonizar diferenças e promover equidade no ensino.

Uma sala de aula que aceite, acolha e use tantas diferenças para contribuir no aprendizado efetivo dos alunos é um grande desafio. Conforme explicam Ecco e Nogaro (2015), a partir dos ideais de Paulo Freire, educação e humanização são termos indicotomizáveis. Os autores explicam que o ato de educar, em síntese, tem como objetivo formar e “trans-formar” seres humanos, valorizando processos de mudança dos sujeitos, atualizando suas potencialidades, tornando-os humanos.

As estratégias do trabalho em grupo no formato apresentado aqui, ajudam a estabelecer um clima de respeito, confiança, equidade, segurança e prazer em sala de aula. Uma boa gestão da sala de aula se faz trabalho primordial do professor para a construção de um ambiente de aprendizagem seguro, e por ser também fator contribuinte na formação social e emocional dos alunos. Segundo Weinstein e Novodvorsky (2015, p. 5),

a gestão da sala de aula tem dois propósitos distintos: ela não apenas procura estabelecer e manter um ambiente ordenado e atencioso no qual os alunos possam engajar-se em aprendizado significativo, mas também almeja estimular o crescimento emocional e social dos estudantes.

Os mesmos autores (2015) ainda acrescentam que a gestão bem-sucedida da sala de aula estimula a autodisciplina e a responsabilidade pessoal. Contudo, tornar-se um eficiente gestor de sala de aula exige reflexão, trabalho duro e tempo.

A gestão da sala de aula para a realização do trabalho em grupo é primordial. Desde o planejamento, definição na clareza dos objetivos a serem alcançados em cada aula e atividade, o professor tem um árduo e sério trabalho a ser feito. Porém, quanto mais efetiva essa gestão, mais efetivo será o trabalho realizado pelos alunos e, dessa forma, maiores as oportunidades de aprendizagem, mais reflexões, mais trocas, mais questionamentos, mais equidade.

Ainda sobre esse último ponto, em entrevista à revista Paratodos (2017), Rachel Lotan explica como reconhecer uma sala de aula equitativa:

1) Todos os estudantes têm acesso de maneira equiparada ao professor, seus colegas e ao material da sala de aula. 2) Todos os estudantes têm múltiplas e variadas oportunidades para demonstrar o que sabem e o que são capazes de fazer. 3) A inteligência é definida pelo professor e pelos estudantes como gradual, flexível e multidimensional. 4) As medidas das conquistas são agregadas em torno de uma média aceitável e não distribuídas no que seria considerado uma curva normal.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A metodologia do PED, de Rachel Lotan e Elizabeth Cohen está atualmente sendo utilizada em uma sala de aula da Educação Infantil, com crianças entre 4 e 5 anos de idade.

Em um primeiro momento, no início do ano letivo de 2019, as crianças foram introduzidas a atividades em grupo de uma forma geral, para aprenderem a se reunir em grupo como tarefa básica. Aos poucos, a ideia das tarefas foi sendo trabalhada e eles foram se familiarizando com as funções do grupo.

Com eles, são trabalhadas a função do facilitador que é chamado de assistente do grupo; o harmonizador, chamado de amigo do grupo; o cuidador de materiais, cuidador do tempo e o repórter. Desde a primeira vez que os alunos trabalharam nesse formato, todos os envolvidos brigavam pelo papel do repórter, uma vez que há um microfone grande e colorido feito de materiais recicláveis e eles querem segurá-lo no momento de compartilhar com o restante da turma como foi o desenvolvimento de sua atividade.

Um grande desafio já desde o começo foi a dificuldade das crianças em entenderem como o trabalho em grupo deveria funcionar. Eles não conseguiam expor suas ideias, discutir com os colegas, ouvir opiniões diferentes ou, simplesmente, trabalhar no mesmo produto. Eles automaticamente começavam a trabalhar sozinhos e se sentiam incomodados ao serem incentivados a trabalhar de outra forma. Foram necessários diversos lembretes sobre a importância das regras principais da turma: um é recurso do outro e ninguém termina enquanto todos não terminam.

Um dos grandes objetivos em reforçar as regras nesse processo é criar alunos responsáveis por seus comportamentos, e não ter no professor a figura controladora de tais comportamentos. Assim, de acordo com Cohen e Lotan (2017), o educador não tem a necessidade de supervisão constante e permite-lhe a utilização de suas habilidades profissionais em um nível muito mais elevado. Além disso, as regras são o caminho para a preparação de um ambiente cooperativo. Segundo as autoras, “o treinamento cooperativo permite que você obtenha os benefícios da educação em grupo - em termos de aprendizagem ativa e da melhora dos resultados alcançados” (COHEN e LOTAN, 2017, p. 56).

Os alunos também precisaram de algumas tentativas para que comesçassem a entender que eles não estavam apenas agrupados, como comumente é realizado no trabalho com as estações de aprendizagem por exemplo, mas sim que precisariam conversar, compartilhar e trocar para a realização daquela atividade.

Contudo, o maior desafio, até o presente momento, são os conflitos comuns à essa faixa etária. Lidar com sentimentos e emoções que surgem porque uma criança não ficou no mesmo grupo que seu melhor amigo, ou não sentou na mesa em que queria sentar, ou porque os integrantes do grupo pegaram os materiais disponíveis antes dele. Também surgem conflitos porque uma criança quer fazer todos os desenhos sozinhos e disse para os outros apenas pintarem. É a partir dessas situações que o trabalho em grupo pode ser treinado nessa sala de aula e os alunos podem começar a desenvolver habilidades socioemocionais de lidarem com tais conflitos.

Cohen e Lotan explicam que a discordância de ideias pode ser um sinal saudável e não deve ser considerado um sinal de fracasso. Cabe ao professor dar ferramentas necessárias aos alunos para que desenvolvam habilidades de resolução de conflitos, preparando a turma para que testem diferentes estratégias em frente a uma situação de divergência de ideias e delegando, de fato, autoridade para o grupo que se sentirá capaz e responsável em assumir o controle do mesmo. Ainda explicam que “se o problema se deve a uma combinação instável de alunos, faça uma observação para evitar colocar juntos esses alunos em um futuro próximo” (COHEN e LOTAN, 2017). Essa é exatamente a estratégia utilizada pela professora no caso de alunos que não se combinam.

Outro obstáculo no processo foi como trabalhar com cartões de atividades e cartões de recursos com instruções e informações necessárias à prática uma vez que as crianças ainda não são alfabetizadas. A professora decidiu chamar os facilitadores de cada grupo e explicar para eles o que deveria ser feito para que eles, então, explicassem ao restante do grupo. No começo foi bastante difícil, pois as crianças esqueciam o que precisava ser feito e não tinham o recurso do cartão para visitá-lo sempre que necessário. Porém, essa tarefa foi se aprimorando e as crianças já se apropriaram da mesma e por isso se esforçam para entender bem a tarefa, tiram suas dúvidas e explicam ao grupo. Sabem também que podem pedir auxílio sempre que necessário.

O controle do tempo foi outra situação a ser considerada, já que as crianças nessa faixa etária têm certa dificuldade em entender o que são vinte minutos ou uma hora. Perguntam-se exatamente “quanto tempo o tempo tem?”. Para lidar com a situação e com a tentativa de tornar o tempo mais concreto, a professora disponibilizou uma ampulheta com duração de 10min e explica em todas as atividades quantas vezes irá virá-la e, hoje, as crianças já dominam melhor quanto tempo tem disponível para a realização da tarefa.

Um dos meninos da turma, Pedro, com muita dificuldade de atenção, discordou de todo grupo em uma atividade de ciências. Ele estava errado, mas a professora não falou nada. Os colegas continuaram tentando mostrar que a opinião dele não estava certa, mas também não sabiam qual era a resposta. Pedro continuou tentando comprovar sua resposta até que no meio de sua pesquisa achou a resposta certa. Sozinho. Imediatamente gritou para o grupo e chamou todos para verem e todos comemoraram e parabenizaram Pedro, que se sentiu muito orgulhoso e valorizado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa que vem sendo realizada tem demonstrado grande progresso no desenvolvimento emocional e cognitivo dos alunos. Escutar alunos defendendo que “todo mundo tem que dar sua opinião antes da gente decidir o que fazer” ou “você não acabou ainda porque seu grupo ainda está terminando o cartaz” indicam evidências da prática do trabalho em grupo.

As crianças se sentem engajadas e isso é percebido quando pedem para usar os crachás com as funções do grupo e quando demonstram saber qual papel devem desenvolver naquele momento. Durante esse processo, tem sido possível observar crianças se apropriando do conhecimento, pois precisam discutir nos grupos suas ideias e precisam aprender a mudar de opinião quando suas estratégias não dão certo.

Em meio a frustrações e conquistas, observa-se um grupo que tem se preparado para um trabalho cooperativo e equitativo, e que tem superado barreiras socioemocionais, desenvolvendo habilidades para lidar com conflitos e dificuldades. O processo tem sido muito positivo e recompensador.

Palavras-chave: trabalho em grupo, PED, educação infantil, equidade

REFERÊNCIAS

COHEN, E. G. e LOTAN, R. Planejando o Trabalho em Grupo: estratégias para salas de aula heterogêneas. 3. ed. Porto Alegre: Penso, 2017.

ECCO, I. e NOGARO, A. A Educação em Paulo Freire como processo de humanização. Educere: PUCPR, 2015. Disponível em <http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/18184_7792.pdf> Acesso em 24 de set. de 2019.

RIBEIRO, F. Por uma sala de aula mais justa. Paratodos, 16 de maio de 2019. Disponível em <<https://www.paratodos.net.br/por-uma-sala-de-aula-mais-justa/>> Acesso em 24 de set. de 2019.

WEINSTEIN, C.S. e NOVODVORSKY, I. Gestão da Sala de Aula. 4 ed. AMGH, Porto Alegre: 2015.